

naquilo que denomina “a tragédia do Mediterrâneo”, isto é, “a nova vaga de migração/refúgio que afeta a Europa do século XXI”, a partir do confronto entre *As Suplicantes* (465-460 a. C.), a mais antiga tragédia de Ésquilo e “texto fundacional sobre a experiência de fuga e refúgio” (p. 520) e *Die Schutzbefohlenen* (2014), uma adaptação da peça esquiliniana “em parte inspirada no recente episódio da prisão e expulsão de migrantes de uma igreja (Votivkirche) no centro de Viena”, entre 2012 e 2014, da autoria da Prémio Nobel austríaca Elfriede Jelinek (p. 523).

No final de cada capítulo, encontramos criteriosamente elencadas as muito úteis referências bibliográficas (fontes e estudos). Assinalamos, contudo, a ausência de um índice remissivo de autores e obras citadas, que poderia tornar mais fácil a consulta do volume, enriquecendo-o ainda mais.

Ao conjunto dos estudos académicos que integram o volume, juntam-se, à imagem do que sucedera já no congresso, os testemunhos de quatro escritores/poetas portugueses, assumidos legatários do universo dos clássicos: Ana Paula Tavares (“E são as vozes, sobretudo as vozes dos grandes contadores de histórias”, pp. 531-532), Fernando Pinto do Amaral (“A Ferida de Télefo”, pp. 533-536), Pedro Braga Falcão (“De Cassandra em Cassandra”, pp. 537-542) e Ricardo Marques (“A Antiguidade Clássica”, pp. 543-548).

Em conclusão, congratulamo-nos com a publicação desta valiosa e muito interessante coletânea, na convicção de que não apenas instigará a curiosidade dos investigadores pela revisitação de mitos, figuras e temas clássicos, como constituirá referência obrigatória para outros estudos em torno da receção da Antiguidade Clássica em literaturas de língua portuguesa.

M. C. Encinas Reguero e J. Bilbao Ruiz (eds.). (2021). *ΘΕΑΤΡΟΝ ΚΑΙ ΖΩΗ. Estudios de Teatro Griego en Honor de la Profesora MilaGros Quijada Sagredo*. Madrid: Ediciones Clásicas, S.A. ISBN 987-84-7882-867-8. 395 pp.

MARIA FERNANDA BRASETE⁸ (CLLC, Universidade de Aveiro —
CEHC, Universidade de Coimbra — Portugal)

Este volume pretende celebrar o notável percurso académico da insigne Professora Milagros Quijada Sagredo que, como docente, investigadora

⁸ <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28054>; mbrates@ua.pt.

e pessoa dedicou muitos anos à vida universitária, em diversos domínios, e se distinguiu na comunidade académica, principalmente, pelos seus valiosos estudos sobre o antigo teatro grego, a que o título desta obra faz jus: *TEATRO E VIDA*. Como referem os editores na parte final da *Introduccion* deste merecido livro dedicado à eminente Professora espanhola, o propósito desta publicação é demonstrar “o reconocimiento público a su trayectoria académica y a su aportación al estudio del teatro griego, un homenaje que busca también testimoniar el respeto de sus colegas, así como agradecer esa labor docente desarrollada durante tantos años y en la que Milagros ha sabido transmitir no sólo el conocimiento riguroso y profundo de la literatura griega, sino también el amor y la pasión por la misma.” (p. 12). O texto seguinte, assinado por dois amigos da homenageada, José Antonio Fernández Delgado e Francisca Pordomingo, sob o título “Perfil humano y académico de Milagros” (pp. 13-22), constitui um testemunho centrado nas atividades de docente, de gestão e de investigação de Milagros Quijada, que teve início no ano académico de 1975-1976, na Universidade de Salamanca, e que viria a conferir-lhe um lugar de destaque na investigação sobre a tragédia e a comédia gregas em Espanha, mas procura também realçar a profunda admiração, o respeito e a amizade que, desde então, lhe dedicam. Entre as páginas 23 e 36 pode ler-se o notável *Curriculum Vitae* da Professora homenageada. Mas dos textos anteriores sobressai, não apenas a profundidade e a amplitude da sua obra, mas também a faceta humanista de uma professora e investigadora que demonstrou sempre uma disponibilidade responsável para assumir tarefas de gestão e de coordenação de projetos de investigação, ou de edição de livros, entre muitas outras, mas também como essa sua dedicação ao labor académico não a eximiu de colocar sempre uma grande generosidade no seu trabalho e de cultivar fortes afetos.

Depois desta primeira parte introdutória, os estudos que compõem este livro dividem-se em duas partes (“Milagros Quijada y el teatro Griego”, pp. 41-115 e “Nuevos Estudios de teatro Griego”, pp. 133-360), a que se seguem um muito útil *Index locorum* e uma *TABULA GRATULATORIA*.

Os seis estudos, que aparecem sob o título “Milagros Quijada y el teatro Griego”, são republicações de importantes artigos da autoria da homenageada, que marcaram a sua longa investigação sobre o teatro grego: “Aristóteles,

Poética 1454a24, y la tragedia del siglo IV”, pp. 41-51” (reproduzido de Veleia. *Revista de prehistoria, historia antigua, arqueología y filología clásicas* 11, 1994, 237-244); “Medea de Eurípides: Lecturas de un drama de venganza”, pp. 53-72 (reproduzido de Aurora López y Andrés Pociña (eds.), *Medeas. Versiones de un mito desde Grecia hasta hoy*, Universidad de Granada, 2003, pp. 255-276); “La escena de reconocimiento en la *Electra* de Eurípides: una muestra del desarrollo intertextual de la tragedia”, pp.73-80, (reproduzido de *Quaderni Urbinati di Cultura Classica* n.s. 71 2002, 101-109); “La *anagnorisis* como materia y forma de la tragedia griega”, pp. 81-97 (reproduzido de Francesco De Martino y Carmen Morenilla (eds.), *Entre la creación y la recreación. La recepción del teatro greco-latino en la tradición occidental*, Bari: Levante Editori, 2005, pp. 494-509); “Intriga cómica versus intriga trágica en *Tesmoforiantes* de Aristófanes”, pp.99-115 (reproduzido de *Emerita. Revista de lingüística y filología clásica* 80.2, 2012, 257-274); “La retórica del poder y las relaciones entre los estados en las tragedias griegas de suplicantes”, pp.117-129 (reproduzido de *Humanitas* 66, 2014, 109-124).

Neste conjunto de estudos, o leitor poderá testemunhar a profundidade e a riqueza do contributo de Milagros Quijada na investigação da tragédia grega, principalmente, mas também da comédia aristofânica. Nesta recensão, mais não se faz do que uma alusão aos títulos dos artigos, escolhidos como “os melhores” (p.8), aconselhando-se vivamente uma (re)leitura destes textos sobre diferentes temáticas e obras teatrais, que primam por um grande rigor filológico e crítico, uma análise arguta, além de fornecerem uma sólida documentação sobre os temas e obras em apreço. Apesar de as datas em que foram originalmente publicados já serem, por vezes, algo distantes, esses seis estudos continuam a ser um marco na leitura da passagem da *Poética* de Aristóteles em que discute o sentido de “semelhança” que se reivindica aos *ethé* trágicos, na interpretação da figura da Medeia e da cena de reconhecimento da *Electra* euripidiana ou mesmo no modo como a *anagnórise* se constitui como “matéria” e “forma” da tragédia grega. Uma reflexão aturada sobre as profundas relações que se estabelecem entre a comédia aristofânica e a tragédia euripidiana, nomeadamente no que concerne ao uso da paródia, merece também ser destacada.

Igualmente de indiscutível importância são os 16 estudos inéditos que compõem a secção seguinte, intitulada “Nuevos Estudios de Teatro Griego”,

que se estendem por 227 páginas. A amplitude deste livro de Homenagem não permite que se possa fazer a síntese que cada um destes estudos merecia, tendo em conta a qualidade científica e a diversidade de temas e obras selecionados por reconhecidos especialistas de teatro grego, de Portugal, Itália, Alemanha, Grécia e, evidentemente, de Espanha, e que muito honram as páginas deste volume.

O primeiro estudo, escrito em inglês, (“The Symbolism of Clothes in Aeschylus’ *The Persians*”, pp.133-140), assinado por Maria do Céu Fialho, oferece-nos uma interpretação da peça esquiliana, em que uma subtil reflexão sobre o vestuário usado pelas personagens revela uma simbologia que, por exemplo, coloca em contraste a passividade das mulheres persas com a rebelião e a autonomia das mulheres gregas, nomeadamente as espartanas, vestidas com um curto *shitoniskos*, que lhes permitiria uma maior liberdade de movimentos.

Míriam Librán Moreno é a autora do segundo texto, intitulado “Tragedias fragmentarias de tema amoroso en Sófocles” (pp.141-158), dividido em duas partes (“Amor y Romance en Sófocles” e “Tragédias de argumento amoroso”), no qual se procede a uma análise da temática erótica em nove peças fragmentárias do tragediógrafo: *Andrómeda*, *O rapto de Helena*, *Mulheres da Cólquida*, *Enomau*, *Prócris*, *Citas*, *Tereu*, *Troilo* e *Fedra*.

“La presencia de Atenas en *Medea* de Eurípides: una formade representación del poder” (pp. 159-182) é um estudo de Juan Tobías Nápoli que pretende realçar a importância dramática que a presença de Egeu, no terceiro episódio, e o Hino a Atenas, no terceiro estásio, detêm na intriga dessa tragédia euripidiana.

M.^a Teresa Molinos Tejada e Manuel García Teijeiro baseiam o seu estudo (“La nodriza de Fedra”, pp. 171-182) na ideia de que Eurípides dignificou, por meio da ação da figura anónima da Ama, a personagem de Fedra, cuja história combina o motivo do conto popular da mulher de Putifar (relatado em *Génesis* 39-7-20) com o da paixão ilícita da madrastra que decide morrer em defesa da sua *eukleia*. Seguindo a opinião de Knox, os A. consideram que, em *Hipólito*, se encontra também implícita uma “tragédia da Ama” (p. 179).

Sob o título “Héracles, versões dramáticas de um mito popular” (pp. 183-196), Maria de Fátima Silva detém a sua análise nas inovações intro-

duzidas por Eurípides e Aristófanes no célebre motivo da catábase de Hércules, fazendo com que se convertesse num recurso teatral versátil e capaz de servir funções e objetivos diferenciados.

Em “La solidaridad de los personajes euripídeos y el mundo naval: metáforas y comparaciones náuticas” (pp197-223), Inés Calero Secall demonstra como o uso retórico das metáforas e comparações náuticas que encontramos nas peças de Eurípides, associadas a situações que revelam atitudes solidárias ou salvíficas das personagens, pode ser considerado um traço característico da dramaturgia deste poeta trágico.

O estudo de Martin Hose apresenta o título de uma forma interrogativa: “Euripides as an Epinician Poet?” (pp. 209-225). Com essa pergunta procura responder-se à questão de se se pode atribuir o fragmento epinício PMC 755/756 a Eurípides, tendo em atenção uma ode coral (v. 859ss.), de *Electra*. Na abalizada opinião do A., as diferenças encontradas e rigorosamente analisadas não permitem concluir que Eurípides foi o autor do epinício a Alcibiades.

“Una imagen no vale mil palabras: écfrasis vs. muerte en la escena eurípidea” (pp. 227-246) é o título de um estudo, assinado por José Antonio Fernández Delgado e Francisca Pordomingo, que versa um tema recorrente e muito característico da tragédia euripídiana — o da narrativa do mensageiro sobre um episódio mortal violento, que as convenções trágicas não permitiam representar em cena —, mas analisado à luz da tipologia discursiva da *ekphrasis*, que tinha como finalidade “aumentar a capacidade de visualização” (p. 237), a *energeia* ecfrásica, segundo a teoria progimnasmática.

Ioanna Karamanou dedica o seu estudo (“The Crane in Euripides’ Fragmentary Tragedies”, pp. 247-256) à utilização da *mechane* nas tragédias fragmentárias de Eurípides, a fim de demonstrar como o recurso a este mecanismo teatral se deve não só a necessidades dramáticas que marcam a evolução da produção euripídiana, como também ao alargamento dos recursos utilizados pelo teatro grego, a partir de meados do século V a.C.

Lucía P. Romero Mariscal e F. Javier Campos Daroca refletem sobre “Espectros heroicos en la escena trágica ateniense” (pp. 257-272) analisando a tradição literária anterior ao teatro ático no tocante à aparição de fantasmas,

colocando em especial confronto intertextual o espetro de Aquiles na *Políxena* de Sófocles e o fantasma de Polidoro, na *Hécuba* euripidiana.

Em “Comunicación y escritura en la tragedia griega” (pp. 273-286), M. Carmen Encinas Reguero reflete sobre a importância que Eurípides concedeu à natureza problemática do meio de comunicação escrita — em especial o género epistolar —, que foi assumindo um relevo crescente nas peças do poeta trágico.

Georgia Xanthaki-Karamanou (“Reception of Euripidean Concepts and Conventions in the Narrative and Dramatic Techniques of the Byzantine Drama *Christus Patiens*”, pp.287-307) explora, no seu estudo, a receção de algumas tragédias euripidianas na composição narrativa e dramática da peça bizantina *Christus Patiens*, em termos da estruturação da intriga, concedendo particular atenção às convenções teatrais características das peças do tragediografo grego, às situações dramáticas e aos conceitos e ideias. Um diálogo produtivo entre o paganismo e os temas e ideias cristãos testemunha, no drama em apreço, um tratamento sofisticado da antiga literatura grega na época bizantina.

Alfonso Martínez Díez, no seu estudo intitulado “Eurípides en la correspondencia y en *La Historia de las Ideas Estéticas* de Marcelino Menéndez Pelayo” (pp. 309-322) ocupa-se também da receção de Eurípides, aduzindo um número considerável de importantes referências à intelectualidade do poeta trágico, não só em passagens da importante obra *A História da Ideias Estéticas*, como também no âmbito da correspondência privada do insigne crítico literário e historiador espanhol.

“El motivo del hambre en la comedia griega” é o título do estudo de María José García Soler (pp. 323-334) que se baseia na exploração cômica do motivo da fome (e também do da pobreza) que, no mundo ficcionado das peças, espelhava as dificuldades da vida humana ou, por vezes, uma caricatura burlesca dos deuses.

Francesco De Martino (“Eufemismi visivi in Aristofane”, pp. 335-345) dedica também o seu estudo à obra de Aristófanes para realçar a importância dramática dos “eufemismos visíveis”, destacando a parábase das *Nuvens II* pelo intuito poético que parece encerrar.

Aristófanes é igualmente o tema do último contributo deste livro de homenagem. O estudo de Javier Bilbao-Ruiz (“La lengua poética de Aristófanes según los escoliastas antiguos: lenguaje figurado, glosas y compuestos”, pp. 347-360) incide sobre a *lexis* de Aristófanes, que muito interessou os escoliastas, e que mereceu vários comentários de Aristóteles que, nas palavras do A., “supo destacar los rasgos fundamentales de la lengua poética de su tiempo para crear una teoría de la *literariedad* influente” (p. 358).

Na questão da organização, salienta-se a adequada inclusão da Bibliografia no final de cada um dos capítulos e a existência de um índice de autores e obras citados, que contribuem também para a qualidade da publicação.

Concluindo, pode dizer-se que o indiscutível mérito deste volume de homenagem se revela não só no facto de rememorar seis estudos notáveis da distinta Professora Milagros Quijada Sagredo, mas na qualidade científica dos 16 ensaios inéditos de reconhecidos especialistas de teatro ático que, com grande rigor analítico e pertinência, contribuíram para enobrecer o vasto percurso académico da professora homenageada.

Por último, há que felicitar os editores deste volume pelo magnífico trabalho de organização de uma obra que, tão justa e dignamente, enaltece e dá continuidade ao contributo tão valioso e generoso que Milagros Quijada nos concedeu no âmbito dos estudos do teatro grego.

G. Ragusa (org., trad.). (2021). *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas*. 2ª ed. revista, ampliada e bilíngue. São Paulo: Hedra. 215 pp. (ISBN 978-65-89705-05-5)

MARIA FERNANDA BRASETE⁹ (CLLC, Universidade de Aveiro —
CEHC, Universidade de Coimbra — Portugal)

No ano de 2012, publiquei, no n.º 14 (pp. 367-368) desta revista, uma recensão daquela que foi 1.ª edição do livro, da autoria de Giuliana Ragusa, intitulado *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas* (2011. São Paulo: Hedra). Na obra que agora se apresenta, a A. anuncia, claramente, na preliminar “Nota à segunda edição” (pp. 9-11), que procedeu a uma revisão e a uma reorganização temática da tradução e dos comentários aos fragmentos de Safo, tal como

⁹ <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28057>; mbrates@ua.pt.